



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE SERRA TALHADA- UFRPE/UAST
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS/ INGLÊS

GISELE DANIELE DA SILVA

**LEITURA NA SALA DE AULA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
DA TEORIA À PRÁTICA**

Serra Talhada
2022

GISELE DANIELE DA SILVA

**LEITURA NA SALA DE AULA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
DA TEORIA À PRÁTICA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Fátima Soares da Silva Carvalho

Serra Talhada
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S586I da Silva, Gisele Daniele
Leitura na sala de aula dos anos finais do ensino fundamental: da teoria à prática / Gisele Daniele da Silva. - 2022.
45 f.
- Orientador: Fatima Soares da Silva Carvalho.
Inclui referências e apêndice(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Letras, Serra Talhada, 2022.
1. Base Nacional Comum Curricular. 2. Prática da leitura. 3. Anos Finais. I. Carvalho, Fatima Soares da Silva, orient. II. Título

CDD 410

**LEITURA NA SALA DE AULA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
DA TEORIA À PRÁTICA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Fátima Soares da Silva Carvalho

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Fátima Soares da Silva Carvalho
Universidade Federal Rural de Pernambuco- Unidade acadêmica de Serra Talhada
Orientadora

Prof^a. Dr^a Jane Cristina Beltranini Berto
UFRPE/UAST – 1º examinador

Prof^a. Dr^a Maria de Fátima Silva dos Santos
UFRPE/UAST – 2º examinador

Agradecimentos

- Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por me fazer chegar até aqui e nunca desistir, derramando Sua graça e Seu consolo todos os dias da minha vida.
- Aos meus pais, Marcos e Joselma, pelo apoio e conselhos, sei que em muitos momentos fizeram o impossível para que eu não desistisse. Obrigada por tudo!
- Ao grande amor da minha vida, que me trouxe a alegria de viver, o motivo para conquistar e buscar cada dia mais para te dar um ótimo futuro, você é a razão disso tudo meu filho, Nicolas.
- Agradeço ao meu irmão que durante todos esses anos me levou todos os dias para o ponto do ônibus e mesmo no perigo me esperou tarde da noite, Gabriel.
- Aquele que faz parte da minha vida, meu porto seguro, minha paz, que está pronto para me ajudar, ouvir minhas angústias e trazer um sorriso para um coração desesperado, sempre me apoiou independentemente da situação, agradeço a Deus por te ter ao meu lado, Edjavan.
- Aos meus avós, (Lourdes e Antônio) que sempre, com suas preocupações, estiveram me animando. Vó Lourdes, que sempre esperava na porta quando sabia que estava perto de chegar em casa.
- Aos meus tios e tias, pelos conselhos e palavras de ânimo, Gilvam e Do Carmo.
- A minha amiga que incentivou a ler mais desde o ensino fundamental e que até hoje continua incentivando. Obrigada por me ajudar, lendo este trabalho e me aconselhando diversas vezes, não só agora, mas durante nossos longos anos de amizade. Rafaela só tenho gratidão e amor por você, minha pequena e grande amiga.
- Aos meus colegas que fiz durante toda a minha trajetória na universidade, a turma 2017.1 em especial aos amigos: Madalena, Daniel, Thaiza, Michelle, Lineker, Lucas, Marília, Jayro e Natália. Vocês fazem parte dessa fase linda da minha vida, carrego vocês no meu coração.

- A orientadora que nunca me abandonou quando nem eu mesma acreditava mais que conseguiria. Obrigada pela paciência, lhe admiro desde o primeiro período, Fátima Soares.
- A escola e a docente que aceitou fazer parte desse trabalho dando a oportunidade de realização da pesquisa. Muito obrigada!
- Obrigada àqueles que contribuíram de forma direta e indireta nessa minha jornada na UFRPE/UAST e conclusão deste trabalho.

Porque dele e por ele, e para ele, são todas
as *coisas*; glória, pois, a ele eternamente.
Amém! (Romanos 11:36)

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as abordagens utilizadas pelos professores nas salas de aula para o incentivo à prática da leitura, partindo das orientações propostas na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) do ensino fundamental para os anos finais. Para tanto, esse estudo apoiou-se em alguns teóricos, entre eles, Bagno (2007); Freire (2003); Soares (2002); Solé (1998); Travaglia (1998), entre outros. Na primeira fase da pesquisa foi realizada uma análise documental da Base Nacional Comum Curricular, a fim de observar as competências e habilidades propostas para as turmas de 9º ano do ensino fundamental. Na segunda fase da pesquisa foi realizada a coleta de dados por meio de uma entrevista semiestruturada à docente de duas turmas e questionários aplicados aos estudantes dessas turmas de uma escola pública de um povoado no município de Flores em Pernambuco, com o intuito de analisar se as propostas presentes na BNCC estavam sendo contempladas dentro da sala de aula. Ficou evidente, diante da análise dos dados que existe ainda a necessidade de um ensino de leitura significativa que contribua para a formação de um leitor que, realmente, compreende aquilo que lê.

Palavras-chave: Base Nacional Comum Curricular, Prática da leitura, Anos finais.

Abstract

This research aimed to analyze the approaches used by teachers in the classroom to encourage the practice of reading, based on the guidelines proposed in the National Common Curricular Base (BNCC, 2017) of elementary school for final years. To this end, this study relied on some theorists, including Bagno (2007); Freire (2003); Soares (2002); Solé (1998); Travaglia (1998), among others. In the first phase of the research, a documentary analysis of the National Common Curricular Base (BNCC) carried out in order to observe the competencies and abilities proposed for the 9th grade classes of elementary school. In the second phase of the research, data collected through a semi-structured interview with the teacher of two classes and questionnaires applied to the students of these classes in a public school in a village in the municipality of Flores in Pernambuco, in order to analyze whether the proposals in the BNCC were being contemplated in the classroom. It was evident from the data analysis that there is still a need for a meaningful reading education that contributes to the formation of a reader who really understands what he or she reads.

Keywords: National Common Curricular, Reading Practice, Final years.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 Concepções a cerca da leitura	12
2.2 A prática da leitura	12
o O ensino da leitura	17
2.4 A LEITURA NOS DOCUMENTOS CURRICULARES	19
2.4.1 Leitura nos Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental	19
2.4.2 Leitura no Currículo de Pernambuco	21
3. METODOLOGIA.....	22
3.1 Primeira Etapa: Análise documental.....	23
3.2 Segunda Etapa: Pesquisa de Campo.....	24
4. RESULTADOS.....	26
4.1 A leitura na Base Nacional Comum Curricular	26
4.2 Entrevista com a docente das turmas	29
4.3 Os Resultados dos alunos nos questionários aplicados	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICES	42

1 INTRODUÇÃO

O hábito de ler é um dos mais importantes exercícios que o sujeito possui, através da leitura ele torna-se um sujeito mais crítico e assimila conhecimentos. Freire (2008, p. 05) diz que “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra”, é através do ato de ler que podemos olhar para o mundo ao nosso redor de forma diferente, Ela não deve ser compreendida somente como alfabetização, como um ler corretamente, mas também como leitura que permite a interpretação, a compreensão. Assim desde cedo, é preciso formar um leitor que tenha envolvimento integral com aquilo que se lê.

Freire (FREIRE, 2008, p.05) afirma que “A leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala.” A importância da leitura é a compreensão da mesma, não a quantidade de textos lidos, pois nem sempre a quantidade está relacionada na qualidade e compreensão dos textos lidos.

Para o ensino o fundamental, assim como em todas as fases, a leitura tem que ser uma atividade prazerosa, não complexa, devem ser trabalhados vários gêneros textuais e textos que necessitam de uma compreensão mais ampla do aluno e de uma interação dele para com a turma, exige metodologia diferenciada.

O presente trabalho tem como objetivo geral, analisar as abordagens utilizadas pelos professores nas salas de aula para o incentivo da prática à leitura, partindo das orientações propostas na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL,2017) para o ensino fundamental. Como objetivos específicos buscará refletir como a BNCC aborda o eixo da leitura em seu documento; refletir a importância da leitura na formação crítica; observar como os alunos se relacionam com a leitura; observar as dificuldades na formação do hábito da leitura em alunos do 9º ano do ensino fundamental e verificar as estratégias utilizadas pelos professores na sala de aula para trabalhar com a leitura oral e compreensiva.

O estudo organizou-se com base em uma pesquisa documental e de campo, tendo como foco observar as práticas de leitura no ensino fundamental, buscando relacionar a teoria à prática. No processo de pesquisa e revisão documental buscou-se refletir como a Base Nacional comum Curricular e os outros documentos oficiais

abordam o campo da leitura em seus documentos, a fim de verificar as estratégias utilizadas dentro da sala de aula no momento referente a prática de leitura.

Dessa forma, o trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira: Introdução, onde se destaca a justificativa, problemática de estudo; Objetivos, que destaca o objetivo geral e os objetivos específicos do nosso estudo. A fundamentação Teórica que traz um breve resumo sobre as concepções de leitura, o ensino da leitura, finalizando com os conceitos de leitura apresentadas nos documentos oficiais; seguindo da metodologia, momento que partimos para a pesquisa em campo, conseqüentemente temos os resultados obtidos durante a coleta dos dados, seguindo para as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesse capítulo será apresentada considerações acerca da leitura, da sua prática e seu ensino nas escolas; além disso abordaremos como os documentos curriculares apresentam o eixo da leitura em sua estrutura. Para o aporte teórico foram acrescentadas algumas considerações dos seguintes teóricos: Bagno (2007); Freire (2003); Soares(2002); Solé (1998); Travaglia (1998), entre outros.

2.1 Concepções acerca da leitura

Nas concepções tradicionais ler era apenas decifrar códigos; no entanto, sabemos que o processo de leitura vai muito além do que decifrar, é uma interação entre o leitor e o texto de modo que o primeiro consegue estabelecer um diálogo com o autor, compreender seus pensamentos e descobrir seus propósitos. Para chegarmos nesse entendimento a respeito do processo de leitura, foi um longo processo, visto que as concepções de língua comprometia todo o ensino de língua portuguesa.

A primeira delas era de língua como expressão de pensamento, essa concepção marcou todo o ensino até a década de 50. Nesta perspectiva o

pensamento seria criado somente no interior de cada sujeito, sendo exteriorizada apenas pelo pensamento sem que houvesse uma reflexão. Até então, a língua não era vista como um enunciado que se desenvolve em um gênero textual ou discursivo e que tenha alguma finalidade e utilização social, ou seja, “para essa concepção, o modo como o texto, que se usa em cada situação de interação comunicativa, não depende em nada de quem se fala, em que situação se fala, como, quando e para quem se fala” (TRAVAGLIA, 1998, p. 22).

A expressão por pensamento significava ler e falar bem, mesmo que não soubesse refletir a respeito, de tal forma que até o início da década de 1960 as escolas se concentravam apenas nos centros urbanos, o que facilitava apenas para uma pequena parte da sociedade, as classes ricas, excluindo então, as mais pobres da sociedade. De acordo com Bagno (2007, p. 30), “esses falantes se caracterizavam como pessoas que eram muito influenciadas pela cultura da escrita e pelo policiamento linguístico praticado pela escola e por outras instituições sociais”. Sendo assim, o ensino de língua nessa época centrava-se apenas em buscar um reconhecimento da língua escrita, um ensino prescritivo-normativo, que se fez/faz presente em muitas escolas. Sobre esse tipo de ensino Travaglia (1998) diz que esse ensino,

[...] é, portanto, um ensino que interfere com as habilidades linguísticas existentes. É ao mesmo tempo prescritivo, pois a cada “faça isso” corresponde a um não faça aquilo (...) e só privilegia, em sala de aula, o trabalho com a variedade escrita culta da língua, tendo como um de seus objetos básicos a correção formal da linguagem (TRAVAGLIA, 1998, p.38).

Podemos perceber então, com base nas palavras do autor que a língua escrita sempre esteve como autoridade dentro da sala de aula, usada sempre como a ferramenta fundamental para a aprendizagem do aluno, colocando de lado a oralidade e compreensão como objeto de ensino importante.

A segunda concepção de acordo com Travaglia (1998, p.22) vê a língua como um instrumento de comunicação, ou seja, “a linguagem é vista como um código, um conjunto de regras que combinam segundo regras”, nessa concepção já é possível perceber uma comunicação, no entanto para ela ser efetuada ambos deveriam

dominar o código para ela existir. Com a necessidade do mercado de trabalho, no Brasil iniciou-se a escolarização das classes mais baixas. Nessa concepção, assim como na anterior, os alunos aprendiam o significado das palavras, ler era apenas saber o significado de cada coisa, sem buscar uma interpretação.

No final da década de 70 e início dos anos 80, iniciaram estudos voltados para o ensino de língua portuguesa, mas só a partir dos anos 90 começaram as mudanças no ensino da língua. Para Travaglia (1998) nessa outra visão da linguagem, o que o sujeito faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim, realizar ações, agir sobre o interlocutor (ouvinte/leitor), sendo fundamental para a compreensão da leitura e demais áreas do conhecimento. É a partir dessa última concepção de linguagem, que o ensino da língua é visto como um processo de interação, considerando os diferentes sentidos que podem ocorrer nas diversas situações socioeconômicas.

2.2 A prática da leitura

De acordo com a concepção de leitura que consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais – (PCN, 1998):

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem, etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (PCN, 1998, p. 69)

Entende-se então que a decodificação é apenas uma das muitas formas que utilizamos para ler. Porém, o ato de ler consiste nos processamentos da informação de um texto escrito com a finalidade de interpretá-lo. Assim, a partir da informação do texto e de seus próprios conhecimentos, o leitor construirá o significado. Solé (1998) afirma:

Quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relação entre o lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitem transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes”. Solé (1998, p.118)

Não há uma maneira certa para se abordar um texto, da mesma forma, não se tem uma única maneira de interpretar. A prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a compreender o mundo à nossa volta. Freire (2003) através de exemplos do cotidiano, mostra como lemos o mundo o tempo todo

Desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Lemos no céu as nuvens que anunciam chuva, lemos na casca das frutas se elas estão verdes ou maduras, lemos no sinal de trânsito se podemos ou não atravessar a rua. E, quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é uma outra forma de leitura, do mesmo mundo que já líamos, antes ainda de sermos alfabetizados (FREIRE, 2003, p.5-6).

No mundo do conhecimento em que vivemos, caracterizado pela circulação na sociedade de um grande e diversificado volume de informações, a capacidade de ler e de interpretar textos em múltiplas linguagens é imprescindível, pois sem ela torna-se mais difícil ter acesso às informações e, principalmente, estabelecer relações entre aquelas que já estão ao nosso alcance além disso, está relacionada ao mercado de trabalho, lazer e até no dia a dia ao realizar compras ou ler um bilhete.

Na contemporaneidade, é importante nos mantermos atualizados sobre o que acontece no mundo, uma forma disso acontecer é pela leitura de jornais, matérias, blogs e *sites* especializados para esse tipo de conteúdo, partindo disso o leitor poderá interpretar aquilo que leu e interagir com aquela informação. Conforme define Carleti (2007), a leitura é o meio mais indispensável para a aquisição de saberes na formação de um cidadão crítico reflexivo para atuar na sociedade.

Ler é um ato fundamental para a aprendizagem do ser humano, é através dela que é construído um senso crítico, fortalecimento de ideias, permite expandir o vocabulário possibilitando elevar o nível cognitivo de quem lê, aplicando esse conhecimento em novas situações melhorando sua comunicação com o outro. Sousa

(2019, p. 127), afirma que “ao praticar a leitura, [o leitor] age sobre aquilo que compreende, misturando percepções, opiniões, memória e experiências na construção de uma teia de significações.” Com a leitura, o leitor desperta novos pensamentos e passa a observar situações de maneiras diferentes que não tinha sido possível antes, seus horizontes são totalmente ampliados. Silva (2003) comenta que:

Nunca é demais lembrar que a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz (SILVA, 2003, p.24).

Dessa forma, um lugar que permite o sujeito construir e buscar novos conhecimentos além daqueles já adquiridos, é o ambiente escolar, ele deve formar cidadãos críticos capazes de atuar na sociedade com competência e dignidade, lutando por suas causas e direitos, em busca de uma sociedade igualitária. Faz-se necessário que nos conscientizemos enquanto educadores, da enorme responsabilidade diante da importância da leitura para a vida individual, social e cultural do ser humano.

Segundo Ziraldo (1988, p.27), “[...] a tônica da escola deveria ser a leitura, num trabalho que fizesse do hábito de ler uma coisa tão importante como respirar.” O entendimento com relação a esse pensamento de Ziraldo é de que o hábito de ler é fundamental, pois é lendo que temos acesso a informações; é lendo que adquirimos conhecimentos; é lendo que nos tornamos independentes.

Cavalcante (2019, p. 4) ainda afirma que “O leitor se constrói ao longo de sua vida”, pois envolve o processo contínuo e dinâmico, através do desenvolvimento de práticas leitoras educativas e críticas em que o leitor se reconhece. Essa ação permite que o leitor se aproprie do conhecimento com liberdade e autonomia provocando uma transformação que reverbera na comunicação e partilha social e cultural entre os sujeitos.

2.3 O Ensino da leitura

A leitura, assim como a escrita, são dois fatores fundamentais para se obter uma sociedade diversificada e democrática, visando os bons valores. Coll e Martín (2004, p. 25), ao refletirem sobre o currículo escolar, defendem que “Na educação básica e obrigatória há uma dupla finalidade: formar futuros cidadãos e cidadãs e prepará-los para prosseguir com sucesso sua formação posterior”.

Considerando estes fatores, a escola juntamente com os professores tem a função de desenvolver o estímulo a leitura, a busca pelo conhecimento e isso se faz criando situações e ambientes favoráveis, despertando o interesse do aluno que vem apresentando dificuldades no ato da leitura, tendo assim, a mesma como inimiga. O docente que cultiva o hábito da leitura e o demonstra a seus alunos tem maiores possibilidades de formar nos mesmos esse hábito.

O primeiro contato do estudante com o mundo da leitura é fundamental para o futuro dele como um pensador crítico que busque solucionar situações e problemas na sociedade na qual vive. Segundo Soares (2002):

É obrigação da escola, dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária: a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição: a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real (SOARES, 2002, p. 6).

O ensino da leitura deve ser uma das primeiras habilidades a serem explanadas ao longo de toda a trajetória do estudante, visto que um alunado que não consegue compreender o que ler não conseguirá ir bem nas outras áreas de conhecimento. O acesso a biblioteca conforme afirma Maia (2008) é um dos ambientes mais propícios para a formação do aluno leitor, tendo o professor como mediador desse processo.

O professor deve entender as dificuldades particulares dos alunos, e ao mesmo tempo, estimulá-los a produzirem e ouvirem textos, para que assim ele possa desenvolver suas competências e habilidades, estimulando a leitura como um processo de libertação da criatividade e da reflexão crítica do cidadão. Ler não é apenas transformar os rabiscos em ideias, mas varia de pessoa para pessoa de

acordo com o seu nível social e também do seu contexto de vida (SOUSA, 2016, P. 26). Para Antunes (2017) A “leitura é um ato de ser e compreensão da decifração de mensagens por meio de entendimento e de sentido que o texto verbal ou multimodal expressa o pensamento do autor” (ANTUNES et al., 2017, p. 3)

Martin e Silva (2010, p. 23) afirmam que “Aprendemos a ler, de modo fluente, nas relações estabelecidas em sociedade e nas trocas e aprendizagens promovidas na escola.” Quando se refere a aprender a ler, não está se falando de codificar e decodificar textos, mas sim ao hábito de ler, à compreensão.

Segundo Balça e Pires (2012) os programas voltados para a leitura se efetivam pois a escola apresenta em seu funcionamento parcerias com programas voltados para a instalação de bibliotecas nas escolas de todos os níveis “Assim, todos estes fatores se conjugam para, progressivamente, a leitura e a leitura do texto literário estarem presentes na escola, através do seu espaço biblioteca escolar” (BALÇA; PIRES, 2012, p. 95). Há, assim, uma preocupação dos programas com a competência leitora em sala de aula.

Independentemente do país todas as atividades devem buscar promover o gosto pelo livro e pela leitura, deve sensibilizar para a importância da leitura na nossa atual sociedade, aproximar a escola da comunidade. A Leitura necessita ser vista como um processo de produção de sentido que se dá através das interações sociais e o leitor/texto/autor. É o leitor e somente ele que dá vida ao texto. “A leitura do mundo precede sempre à leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2003, p. 40). É importante perceber que todo texto dialoga com a cultura de sua época e com a leitura de mundo. Compreender isto é ler percebendo o contexto sócio-histórico-cultural do mesmo.

E assim, é importante propor a observação, análise e discussão de outros materiais além de livros. Podem ser utilizados recursos como quadros, charges, figuras, fotografias, jornais, revistas, histórias em quadrinhos, cartões, mapas, tabelas, gráficos, música, entre outros.

Outra forma de se ensinar leitura é através dos projetos que envolvam o universo da leitura, não deve-se pensar que nos anos finais do ensino fundamental o lúdico seja esquecido, ou colocado de lado, a facilidade de aprendizagem que um aluno pode ter em uma leitura dramatizada traz grandes possibilidades de adquirir um conhecimento maior do que a entrega da mesma leitura para trabalhá-la

individualmente, de maneira silenciosa. Celedonio e Gradela (2019, p. 138) ressaltam a importância da promoção de práticas leitoras dando destaque a biblioteca escolar afirmando que “essas práticas estejam alicerçadas em educação reflexiva, que promova encantamento pela leitura, subsidiando o desenvolvimento de competência informacional para além do ambiente escolar e com visão crítica.” Entende-se assim que, todo trabalho e estratégia voltados para esse eixo, seja aplicada com iniciativa da biblioteca ou do docente com um café literário, sarau, tertúlia, ou outro, estará facilitando o entendimento de leitura daquele momento e das posteriores.

2.4 A leitura nos documentos curriculares

No âmbito da escola, os documentos oficiais do Brasil são instrumentos que fundamentam o trabalho do professor em relação à prática da leitura, eles são a base e espelho para os docentes colocarem em prática seus planos de aulas no dia a dia escolar desde a educação infantil até o ensino médio. Com a criação dos documentos (PCN, BNCC e o Currículo de Pernambuco), a educação passou a ser mais contextualizada, o que antes era uma barreira no caminho passou a ser desconstruída com o desenvolvimento de uma educação mais participativa e ativa do aluno em todas as questões. Esses documentos curriculares serviram para dar um suporte que muitos professores não tinham, se tratando dos eixos da escrita, oralidade, leitura, análise linguística/semiótica, com o PCN, a BNCC ou o documento mais restrito ao estado como o Currículo de Pernambuco.

2.4.1 Leitura nos Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental

Lançado em 1998 os parâmetros Curriculares do ensino fundamental (PCN, 1998), apresentaram orientações para o ensino das disciplinas que formam a base nacional, e mais cinco temas transversais que permeiam todas disciplinas, para ajudar a escola a cumprir seu papel constitucional de fortalecimento da cidadania. Em relação ao trabalho com a leitura o documento ressalva que para aprender a ler

“[...] é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes.” (BRASIL, 1998 p. 37-38)

A leitura como prática social é sempre o meio, não o fim, é uma prática constante que necessita de apoio dentro e fora do ambiente escolar. O PCN (1998) também orienta que deve ser superada a concepção que existe apenas um tipo de interpretação na leitura, ela se dá também a partir do que existe por trás do texto apresentado. Dessa forma, este documento traz algumas orientações para as práticas diárias de leitura para a formação de alunos leitores

Tipos de leitura	Como se realiza
Leitura colaborativa	A leitura colaborativa é uma atividade em que o professor lê um texto com a classe podendo assim trabalhar as dificuldades linguísticas. A possibilidade de interrogar o texto e diferenciar o mundo real do fictício.
Leitura em voz alta feita pelo professor	A leitura compartilhada de livros em capítulos, que possibilita aos alunos o acesso a textos bastante longos (e às vezes difíceis) que, por sua qualidade e beleza, podem vir a encantá-los, ainda que nem sempre sejam capazes de lê-los sozinhos.
Leitura Autônoma	A leitura autônoma é de forma silenciosa, individualmente, quando a aluno já tem um domínio do leitura.
Leitura espontânea	Neste caso, o aluno deve escolher qual gênero irá ler. Uma leitura fora da escola, o que torna fundamental a escola dispor acesso a biblioteca e um bom acervo de livros.

Dessa forma, é possível observar que os parâmetros curriculares trazem diversas formas de trabalhar a leitura, cabe ao professor junto com a direção da escola tornar mais prazeroso esse momento com os alunos. Ensinar língua oral deve significar para a escola “possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e

convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania” (BRASIL, 1998, pág. 67).

2.4.2 Leitura no Currículo de Pernambuco

O currículo de Pernambuco foi elaborado a partir dos documentos já lançados para a educação do Brasil. Com a intenção de salientar mais alguns pontos e tornar mais restritos outros aspectos, o Currículo surgiu para ampliar os debates com os educadores do estado, com contribuições relativas às características e identidades da cultura geográfica e a economia do estado.

No Currículo de Pernambuco, seus eixos são muitos semelhantes ao apresentado pelos documentos anteriores. A leitura é focada na interação ativa entre o leitor, ouvinte e os textos tanto escritos como também oral, abrangendo ainda os recursos semióticos. O documento destaca a importância da inserção de atividades lúdicas nos anos finais do ensino fundamental.

“Faz-se necessário, nesta etapa da educação básica, desenvolver metodologias, práticas e ações pedagógicas que visem à promoção e ao fortalecimento da autonomia, do caráter crítico e investigativo, da fluência e, especialmente, do protagonismo sem perder o foco na formação de leitores e de produtores de textos (orais e escritos) aptos a exercerem sua cidadania e humanidade plena e conscientemente” (BRASIL, 2018 p .98)

Dentro dessas práticas é afirmado no documento que não é mais suficiente trabalhar com textos apenas escritos e impressos, é necessário que os professores procurem se atualizar com as novas tecnologias e buscar novas formas de aplicar os conteúdos nas salas de aulas, “visto que interagimos diária e intensamente com e por meio de vídeos, áudios, imagens, textos em movimento etc. dentro de uma multiplicidade de cultura e linguagem.” (BRASIL, 2018 p .80)

Portanto, na visão percebida nestes documentos, para a formação de bons leitores, a leitura deve se colocar como prática essencial em todo o processo de

aprendizagem do aluno, pois ela é indispensável para que o aluno possa desenvolver a competência leitora e formação de leitor crítico e ativo na sociedade.

3 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida neste trabalho teve como objetivo observar e analisar as abordagens e práticas de leituras nas salas de aula do 9º ano do ensino fundamental, partindo das orientações propostas na Base Nacional Comum Curricular para essa etapa da educação básica, com o intuito de compreender quais as estratégias utilizadas pelos professores para trabalhar a leitura oral e compreensiva, o relacionamento dos alunos com a leitura e a aceitação das práticas pedagógicas que são realizadas durante as aulas.

Para atender os objetivos propostos, a pesquisa foi organizada em duas etapas. A primeira foi uma análise documental e a segunda, uma pesquisa de campo de caráter qualitativo. A análise documental é, conforme expressa Sá Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5), “[...] um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”. Dessa forma, ela pode utilizar-se de vários documentos e tipos de fontes, partindo de textos escritos ou de outros tipos de documentos dentre eles, fotos, vídeos, jornais, etc.

A respeito do tipo da pesquisa realizada em campo, Tuzzo e Braga (2016) afirmam que:

[...] enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigorosamente estruturada, permitindo que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques, sugere que a pesquisa qualitativa oferece ao pesquisador um vasto campo de possibilidades investigativas que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance (TUZZO; BRAGA, 2016, p.142).

Em relação ao primeiro momento, foi feita uma análise do conteúdo referente ao eixo leitura presente na “Base Nacional Comum Curricular (2017)”. No segundo momento, foram analisados questionários aplicados com estudantes de duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, com perguntas objetivas e discursivas de respostas curtas e uma entrevista semiestruturada com a docente das respectivas turmas.

3.1 Primeira Etapa: análise documental

A primeira parte da pesquisa aconteceu com uma análise documental. Guba e Lincoln (1981) definem a análise documental como sendo um intenso e amplo exame de diversos materiais, que não foram utilizados para nenhum trabalho de análise ou que podem ser reexaminados, buscando outras interpretações ou informações complementares, sendo essa busca feita por meio de documentos. Mesmo assemelhando-se à pesquisa bibliográfica, existe uma distinção entre esses dois tipos de pesquisa que é a natureza de suas fontes. Godoy (1995) afirma que a palavra “documentos”, deve ser entendida de uma forma extensa, incluindo:

[...] os materiais escritos (como, por exemplo, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios), as estatísticas (que produzem um registro ordenado e regular de vários aspectos da vida de determinada sociedade) e os elementos iconográficos (como, por exemplo, sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes). Tais documentos são considerados “primário” quando produzidos por pessoas que vivenciaram diretamente o evento que está sendo estudado, ou “secundários”, quando coletados por pessoas que não estavam presentes por ocasião da sua ocorrência (GODOY, 1995, p. 21-22).

Já a pesquisa bibliográfica segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 6) “[...] remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias”. Ambos os tipos de estudos encaixam-se perfeitamente nas pesquisas qualitativas, sendo assim, a escolha da pesquisa documental foi importante pois, a partir da análise da concepção

de leitura e as propostas presentes no eixo organizador da leitura da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), podemos entender melhor a proposta para o ensino da leitura oral e compreensiva no ensino fundamental e a partir disso, investigar como estaria ocorrendo no chão da escola, esse ensino e essa aprendizagem aplicando questionários objetivos em turmas do 9º ano do ensino fundamental.

3.2 Segunda etapa: pesquisa de campo

O campo de estudo selecionado para a coleta dos dados foi uma escola da rede municipal da cidade de Flores em Pernambuco. A unidade escolar está em funcionamento desde 1969. Atualmente no período na manhã os alunos são do ensino fundamental anos iniciais, no período da tarde os alunos são dos anos finais e por último no período da noite é ofertado o ensino para a Educação Jovens e Adultos (EJA), atendendo a grande parte da zona rural do município de Flores. Ao todo são matriculado em torno de 150 estudantes.

Marconi e Lakatos (2003, p. 186) afirmam que "a pesquisa de campo ou empírica é utilizada para conseguir informações e/ou conhecimento acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles". A escolha da citada escola deu-se por ser da comunidade do pesquisador.

Como citado acima, o método escolhido para colher tais informações, foi a aplicação de um questionário com questões objetivas e discursivas. O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido "como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.". Dessa forma, as perguntas objetivas trouxeram alternativas específicas para que o aluno pudesse escolher uma delas e as questões discursivas permitiram liberdade de respostas, não havendo influência de respostas pré-estabelecidas de forma que, o estudante pudesse escrever aquilo que estivesse em sua mente.

Ainda de acordo com Gil(1999) um questionário correto e coerente deve-se ater a alguns critérios:

- a) As perguntas devem ser formuladas de maneira clara, concreta e precisa;
- b) Deve-se levar em consideração o sistema de preferência do interrogado, bem como o seu nível de informação;
- c) A pergunta deve possibilitar uma única interpretação;
- d) A pergunta não deve sugerir respostas;
- e) As perguntas devem referir-se a uma única ideia de cada vez.

Além dos questionários, foi realizada uma entrevista com a docente de língua portuguesa dos estudantes participantes da pesquisa, a fim de conhecer mais a realidade sobre o ensino da leitura e suas práticas na sala de aula. Gil (2002) define a entrevista e traz em suas palavras categorias que a mesma pode ser classificada.

Entre todas as técnicas de interrogação, a entrevista é a que apresenta maior flexibilidade. Tanto é que pode assumir as mais diversas formas. Pode caracterizar-se como *informal*, quando se distingue da simples conversação apenas por ter como objetivo básico a coleta de dados. Pode ser *focalizada* quando, embora livre, enfoca tema bem específico, cabendo ao entrevistador esforçar-se para que o entrevistado retorne ao assunto após alguma digressão. Pode ser *parcialmente estruturada*, quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. Pode ser, enfim, *totalmente estruturada* quando se desenvolve a partir da relação fixa de perguntas. Nesse caso, a entrevista confunde-se com o formulário. Nos levantamentos que se valem da entrevista como técnica de coleta de dados, esta assume forma mais ou menos estruturada. Mesmo que as respostas possíveis não sejam fixadas anteriormente, o entrevistador guia-se por algum tipo de roteiro, que pode ser memorizado ou registrado em folhas próprias (GIL, 2002, p. 117).

Dentre tais categorias, a entrevista parcialmente estruturada de acordo com May (2004, p. 149) “o seu caráter é aberto”, ou seja, o entrevistado responde às perguntas dentro de sua concepção, mas, não se trata de deixá-lo falar livremente. O pesquisador não deve perder de vista o seu foco Gil (1999, p. 120) explica que “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada”. Marconi e Lakatos (2007) ainda destacam que, na entrevista despadronizada ou não estruturada, o

entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada.

Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre, podendo retomar algo que não foi bem esclarecido, além de fugir das respostas condicionadas a uma padronização de alternativas. A entrevista foi realizada, para conhecermos mais sobre a realidade do ambiente escolar e interesse dos alunos de modo que pudesse ser feita uma reflexão com as respostas obtidas durante a pesquisa com os estudantes.

4 RESULTADOS

Os resultados nesse capítulo serão analisados e discutidos a partir das concepções de prática do ensino da leitura proposta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para os anos finais e teóricos abordados durante este trabalho. A análise dos dados colhido durante a pesquisa de campo foi de cunho qualitativo, realizada a partir da entrevista realizada com a docente de língua portuguesa da escola e aplicação de questionários em duas turmas do 9º ano do ensino fundamental de uma escola do município de Flores –PE.

4.1 Leitura na Base Nacional Comum Curricular

A elaboração da Base Nacional Comum Curricular começou em 2014 e sua homologação ocorreu em dezembro de 2017, no entanto a discussão acerca da importância da criação de um documento que pudesse servir como base e orientação em nível nacional sobre os conteúdos escolares surgiu, segundo o documento, na constituição de 1998 que prevê que a educação é um direito de todos, sendo dever do Estado e da família.

Depois de anos de muitas discussões em 2015 no I Seminário interinstitucional para a elaboração da Base, iniciou-se a consulta pública para a construção da primeira versão da BNCC, podendo contar com contribuições das entidades científicas, organizações e também a sociedade civil. Após isso, finalizando a terceira versão houve a publicação final e homologação do documento.

A BNCC mostra uma nova perspectiva para o ensino compreendendo um conjunto de “[...] conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica” (BRASIL, 2017, p. 08). Seu objetivo é garantir que os alunos tenham o direito de aprender habilidades e conhecimentos em todo o território brasileiro, seja em escola pública ou particular, reduzindo as desigualdades sociais e elevando o ensino e sua qualidade.

A base está organizada de formas e eixos diferentes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. A sua estrutura está proposta em cinco áreas do conhecimentos, sendo elas: linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e ensino religioso, dentro da área de linguagens/ língua portuguesa são trabalhadas os eixos organizadores da leitura, escrita, oralidade e análise linguística/ semiótica.

O eixo da leitura, segundo a BNCC (2017), tem seu foco voltado para o desenvolvimento de habilidades de compreensão da leitura, interpretação de textos verbais, e ainda, a identificação de gêneros textuais que são compreendidas como competências específicas da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Sobre as estratégias e procedimentos propostos para a prática da leitura, a Base Nacional Comum Curricular destaca que é necessário:

- 1) Selecionar procedimentos de leitura adequados a diferentes objetivos e interesses, levando em conta características do gênero e suporte do texto, de forma a poder proceder a uma leitura autônoma em relação a temas familiares.
- 2) Estabelecer relações entre o texto e conhecimentos prévios, vivências, valores e crenças.
- 3) Articular o verbal com outras linguagens – diagramas, ilustrações, fotografias, vídeos, arquivos sonoros etc. – reconhecendo relações de reiteração, complementaridade ou contradição entre o verbal e as outras linguagens. (BRASIL 2017, p. 76)

A BNCC (2017), acrescenta que, é necessário as habilidades e práticas operarem de maneira articulada, pois o sucesso de uma depende da outra, além disso, destaca-se o papel fundamental do alunado ativo e interessado para que possa ter seu conhecimento expandido

A participação dos estudantes em atividades de leitura com demandas crescentes possibilita uma ampliação de repertório de experiências, práticas, gêneros e conhecimentos que podem ser acessados diante de novos textos, configurando-se como conhecimentos prévios em novas situações de leitura. (BRASIL, 2017, p. 77).

Portanto, para alunos do 9º ano do ensino fundamental, as práticas de linguagem dão destaque ao campo jornalístico- midiático, no entanto os demais campos de atuação está presente dentro das habilidades propostas do 6º ano até o 9º ano, tendo em vista que, na língua portuguesa as mesmas habilidades perpassam todos os anos, os estudantes devem ter um certo conhecimento e aprofundamento no 9º ano sobre os gêneros e textos que se inserem nesse campo de atuação, dando ênfase para “relação entre os gêneros em circulação, mídias e práticas da cultura digital” (BRASIL, 2017, p. 178).

Como estratégias de leitura, especificamente para este ano do ensino fundamental, o documento destaca que os alunos devem “aprender os sentidos globais do texto” (BRASIL, 2017, p. 178), e a partir disso, desenvolver as habilidades de:

(EF09LP01) Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes, da consulta a *sites* de curadoria que atestam a fidedignidade.

(EF89LP03) Analisar textos de opinião (artigos de opinião, editoriais, cartas de leitores, comentários, *posts* de *blog* e de redes sociais, charges, memes, *gifs* etc.) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos.

(EF89LP04) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos do campo (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada.

(EF09LP05) Identificar, em textos lidos e em produções próprias, orações com a estrutura sujeito-verbo de ligação-predicativo. (BRASIL, 2017, p. 179)

Para que tais habilidades sejam contempladas, é necessário uma aprendizagem adquirida durante toda a trajetória do estudante. Um aluno que não sabe entender o sentido daquilo que está lendo não pode identificar tipos de posicionamentos presentes em textos de opiniões como localizar informações explícitas, inferir informação implícita, identificar tema; distinguir fato de opinião; identificar a finalidade dos textos; identificar efeitos de ironia e humor, hipóteses, relações de causa e consequência.

4.2 Entrevista com a docente das turmas

Na pesquisa realizada, o tipo escolhido para a entrevista com a docente foi a parcialmente estruturada. Um roteiro foi elaborado e seguido, em alguns momentos, foi possível fazer perguntas além do programado para complementar o assunto que estava sendo tratado.

Antes de adentrar nas considerações trazidas pela docente durante a entrevista, é importante destacar que o mundo inteiro está saindo de uma pandemia. As aulas nesta escola pararam em março do ano de 2020, ficando o restante do ano apenas disponibilizando na escola, atividades a cada 15 dias para os responsáveis que não tinham acesso à internet em suas residências irem buscar e para aqueles que tinham acesso, era colocado nos grupos de *WhatsApp*. As aulas só voltaram, presencialmente, em agosto de 2021 com 50% dos alunos em cada turma, os demais acompanhavam as aulas de maneira síncrona e a cada oito dias era feito uma troca com os que estavam em casa. Logo no início de 2022, as aulas deveriam retornar no mês de fevereiro, no entanto, um novo pico de casos de covid-19 levou as escolas a fecharem as portas novamente, retornando apenas no dia 22 de março do mesmo ano.

Nesta entrevista foram abordados alguns pontos sendo eles: Tempo de formação e trabalho no ensino fundamental; tempo de trabalho na instituição e forma de ingresso; as disciplinas trabalhadas nas turmas do 9º ano; o trabalho com o livro didático; as práticas utilizadas para trabalhar leitura com os alunos; a percepção do interesse dos estudantes com a leitura; o acesso à biblioteca e projetos de leitura realizados pela escola; e possíveis percepções na volta às aulas presenciais quanto às dificuldades de aprendizagem dos alunos no quesito leitura.

A professora é formada no curso de licenciatura em letras há 24 anos, iniciou sua carreira como professor nesta escola antes de concluir a graduação no período de 1996 a 2001, voltou novamente após passar em um concurso no ano de 2013 e permanece atualmente.

Alguns momentos da entrevista com a docente devem ser destacados. Um deles é sobre a organização da biblioteca da escola e seu conteúdo:

“Ela tem um conteúdo diversificado, muita coisa boa, mas ela não é organizada. Não tem uma pessoa que motive os alunos a irem para a biblioteca, como também ela não está organizada da forma correta, é livro por cima de livro”.

Observa-se que nesse caso o ambiente disponibilizado para acolher os estudantes e os incentivar à leitura não está dentro do desejável. Outro momento, durante o questionamento sobre o interesse dos alunos com a leitura e a sua forma de trabalhar o eixo com eles, foi afirmado o seguinte, pela docente:

“Ir pra biblioteca pegar livro, não é sempre não, a gente tem a dificuldade aqui do acesso a biblioteca, a organização dos livros que é difícil pegar, mas em sala de aula eu trabalho leitura sempre, todas as atividades eu procuro um gênero pra trabalhar, as vezes mais de um gênero pra trabalhar um determinado assunto, sempre a gramática contextualizada”.

Quando interrogada a respeito do planejamento das aulas voltadas para o ensino da leitura, a professora fez a seguinte explicação:

“Normalmente, eu gosto de expor algum texto em um slide, depois trabalhar eles lendo mesmo, sem ser comigo lendo junto. Eles sempre dizem que quando sou eu que leio, eles sempre entendem, quando parte deles a leitura eles não entendem”.

Percebe-se então que, os estudantes possuem facilidade de compreensão na leitura feita em voz alta pelo professor, no entanto, na leitura individual apresentam uma grande dificuldade de interpretação, ou seja, mesmo sendo alunos do 9º ano do ensino fundamental, eles não conseguem compreender e interpretar de fato aquilo que leem.

Outro momento é quando a docente é questionada sobre o uso do livro didático nas aulas para trabalhar a leitura:

“Eu tenho dificuldade em usar, porque o nível dos alunos aqui desta escola é baixo para o nível do livro, e assim, não tá de acordo com a proposta. Mas uso muito

o gênero; pego os textos e passo uma atividade pra o nível deles, algumas coisas eu pego do livro didático, mas não dá para trabalhar só o livro didático não”.

Cabe também ao professor saber utilizar esse recurso e não ficar preso apenas aos conteúdos e temas abordados apenas nos livros, é essencial que eles sejam um suporte e que abordem temas que estejam de acordo com a realidade a qual o aluno está inserido.

Por último, um trecho que consideramos muito pertinente é sobre a aprendizagem dos alunos pós-pandemia, com o retorno para as salas de aula, depois de um ano e meio de aulas online. A professora demonstra sua preocupação com os alunos ao ressaltar o seguinte:

“O que a pandemia fez, eu quero acreditar que vai ser mudado, mas fica parecendo que a gente não vai mais conseguir corrigir isso. A educação pra eles se já não era importante, agora ficou menos ainda, por que a pandemia mostrou que o aluno poderia ser aprovado mesmo sem saber, eles ainda não têm noção do que perderam”.

Além dessas, foram citadas dificuldades como o impedimento em avançar nos conteúdos em decorrência dos estudantes não compreenderem os assuntos ministrados remotamente. Essa questão da pandemia com certeza afetou todo o desenvolvimento educacional que vinha sendo trilhado por esses discentes, aumentando o desinteresse daqueles que já apresentavam essa questão antes da pandemia e afetando aqueles mais interessados.

Diante das situações ocasionados devido à pandemia do COVID-19, os professores tiveram que se readaptar à nova modalidade de ensino e às consequências na educação após quase dois anos de aulas remotas.

4.3 Os Resultados dos alunos nos questionários aplicados

A análise dos dados coletados durante a pesquisa foi de cunho qualitativo, realizada em uma determinada escola pública. Essa pesquisa se constituiu a partir de questionários aplicados em duas turmas dos anos finais do Ensino fundamental, especificamente os 9º anos, permitindo ao pesquisador chegar a um resultado geral a partir das respostas obtidas nas perguntas objetivas e discursivas. É importante ressaltar que todos os alunos são oriundos da Zona Rural.

Ao todo, participaram da pesquisa duas turmas, 9° ano A e 9° ano B. A primeira turma (9° ano A) é composta por 13 estudantes, 3 do sexo feminino e 10 do sexo masculino, com faixa etária entre 13 e 14 anos. A segunda turma (9° ano B) também são 13 alunos, 3 do sexo feminino e 10 do sexo masculino, com faixa etária entre 13 e 16 anos. Desse total, apenas 18 estudantes responderam o questionário: 7 da turma A e 11 da turma B.

Observando as respostas dos alunos ao questionário, pode ser compreendido um percentual grande de alunos que gostam de ler, mas que não tem um hábito da leitura frequente. Observaremos com mais detalhes as respostas obtidas com as duas turmas para algumas das questões.

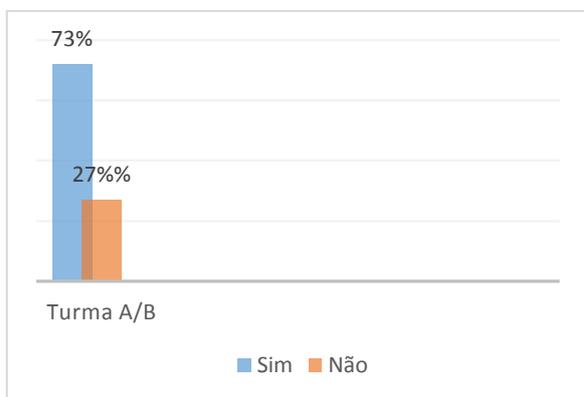


Tabela 1. Você gosta de ler?

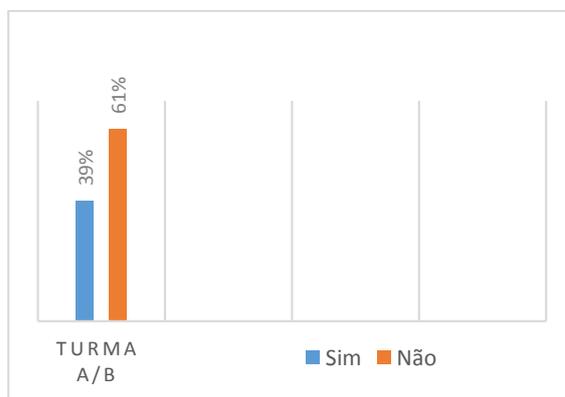
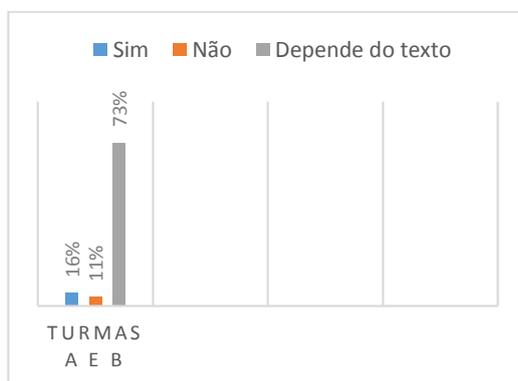


Tabela 2. Você ler com frequência?

Dos 18 alunos participantes da pesquisa um total de 73% afirmaram gostar de ler, no entanto, um percentual de 61% disseram não praticar o hábito da leitura, o que é preocupante, pois muitos não adquiririam ainda o gosto pela leitura a ponto de tornar-se um hábito no seu dia a dia.

Para que não haja uma porcentagem tão alta de alunos que não tem esse hábito, deve ser iniciado desde a infância com o incentivo familiar, o processo de formação do aluno leitor, uma vez que a família tem o papel de extrema importância na iniciação desses sujeitos nos primeiros passos na formação do hábito pela leitura, pois através desse incentivo da família se possibilita que e ao adentrar o ambiente escolar, essa criança já traga consigo o gosto pela leitura. Segundo Vieira (2004, p.04), o ambiente familiar “sendo, portanto uma miniatura da sociedade, a família se

fortalece e como espaço privado de vivência, e é nesse interior do novo modelo familiar que o gosto pela leitura se intensifica”.



Quadro 3. Você tem facilidade de entender o que lê?

Um dos maiores desafios de um professor de língua portuguesa do 9º ano do ensino fundamental é não tornar o aluno apenas um mero decodificador de textos, mas que de fato ele se torne um leitor comprometido e sinta prazer pela leitura, podendo compreender os mais variados tipos de textos inseridos no ambiente escolar e em outros locais. Solé (2008) destaca que,

Formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para os outros contextos diferentes (SOLÉ, 1998, p.72).

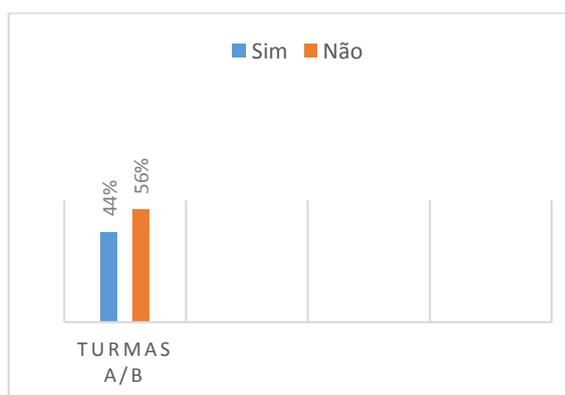
Desta forma, compreendemos que o professor deve identificar quais as dificuldades que cada aluno apresenta no ato de ler, para que posteriormente a esse diagnóstico possam ser desenvolvidos caminhos para minimizar as dificuldades de leitura que esses alunos apresentam, visto que o percentual de 73% dos alunos sentirem facilidade apenas com determinados tipos de leitura ser muito alto para o nível que o estudantes do 9º ano deve estar.

A BNCC (2018, p.139) ressalta que “outros gêneros, além daqueles cuja abordagem é sugerida na BNCC, podem e devem ser incorporados aos currículos das

escolas e, assim como já salientado, os gêneros podem ser contemplados em anos diferentes dos indicados”. Dentro das respostas para essa questão em específico, observa-se que a situação das turmas participantes da pesquisa, não conseguem compreender os textos para o seu ano escolar, sendo assim, é necessário retomar gêneros de outros níveis e também buscar novas estratégias de leitura para que os alunos possam circular por todos os tipos de gêneros e linguagens, conseguir realizar a leitura e da mesma forma compreende-la.

Quanto mais se lê mais se aprende. Ensinar a ler é tarefa de todas as disciplinas, não apenas de Língua Portuguesa. A leitura não deve ser somente informações, o leitor deve ser capaz de ler e compreender um texto e também transformar a realidade a qual está inserido.

Podemos observar que, o alto índice de alunos que não tem facilidade em todos os tipos de leitura, é o reflexo do pouco hábito da mesma respondido pelos estudantes na questão anterior.



Quadro 4. Você pega livros emprestados da biblioteca da sua escola? Com que frequência?

Com os dados coletados durante a pesquisa com as duas turmas, na pergunta acima o percentual de alunos do 9º ano que não frequentam a biblioteca para pegar livros para ler é maior do que aqueles que fazem isso. Além de responderem de forma objetiva a primeira pergunta, os alunos completaram com a frequência que se deslocavam a biblioteca em busca de livros. Dentre os 44% que afirmaram pegar livros emprestado na biblioteca, “pega só, às vezes”, “sempre que pode”, “quando tem tempo”, então observa-se que o desinteresse pela leitura na biblioteca, pegar livros emprestado para ler em outro ambiente é uma alta porcentagem.

O acesso do estudante à biblioteca, a leitura nesse ambiente, segundo FREIRE(1989) citado por NEVES (1998, p. 223) é

Assim, o ato de ler “a” e “na” biblioteca transcende, portanto, ao processo de leitura de sinais gráficos. Envolve, no dizer de Freire(1989), a leitura do mundo. Constitui-se em ação multidimensional que, no momento de sua realização, aciona, no indivíduo que a pratica, uma gama de processos mentais que lhe permitirão apreender, rememorar, associar, compreender, interpretar e assimilar, para, em sequência, reelaborar, de uma ou várias formas, sequencial ou simultaneamente, a mensagem que se lhe apresenta (NEVES, 1998, p.223).

As Diretrizes da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) que define a biblioteca escolar como

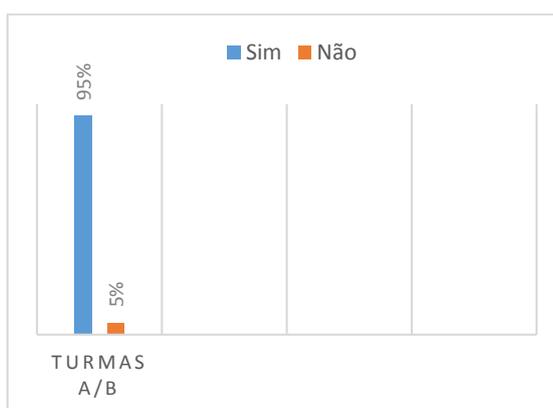
Um espaço de aprendizagem físico e digital na escola, onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação criatividade são fundamentais para o percurso dos alunos da informação ao conhecimento e para o seu crescimento pessoal, social e cultural. Este lugar físico e digital é designado por vários termos (por exemplo, centro de media, centro de documentação e informação, biblioteca/ centro de recursos, biblioteca/ centro de aprendizagem), mas a biblioteca escolar é o termo mais utilizado e aplicado às instalações e funções (IFLA, 2016, p.19).

Nunes e Santos (2020 p. 6) dizem que a biblioteca escolar é “[...] essencial para a formação de leitores que, através da leitura, podem desenvolver o pensamento crítico e reflexivo e a construção do conhecimento, estabelecendo a possibilidade de melhor comunicação para uma vida em sociedade”. No nosso local de pesquisa, como isso poderia acontecer? como os alunos podem usufruir de um ambiente voltado para a prática leitora, visto que a mesma encontra-se sem um bibliotecário para organizar o ambiente? O espaço da biblioteca deve ser considerado um local de aprendizagem contínua promovendo um contato da comunidade escolar, em especial os alunos, com a leitura, com o conhecimento e informações, transformando esse momento dinâmico e prazeroso, tendo o intuito de uma inclusão social. “É preciso conduzir estratégias reais que permitam que a biblioteca seja atuante nas atividades curriculares da escola,

ao mesmo tempo em que tenha influência nos processos de ensino-aprendizagem”. (MARTINS 2017 p. 83).

A BNCC do Ensino fundamental anos finais, não mostra capítulos com orientações específicas voltadas para a biblioteca, no entanto há um reconhecimento de que as práticas educativas não estão restritas à sala de aula. O reconhecimento desses espaços, inclusive da biblioteca, situa-se no campo da realização do currículo oculto. Sobre esse currículo Silva (2010, p. 78) afirma “[...] o currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar, que sem fazer parte do currículo oficial explícito, contribuem de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes [...]”.

Por um lado, temos o reconhecimento de que os saberes e as aprendizagens básicas resultam das experiências educativas que os estudantes têm nos mais diversos ambientes da escola; por outro, evidenciamos que a biblioteca escolar ainda não é compreendida como um instrumento de mediação do currículo oficial da escola.



Quadro 5. Você tem internet em casa?

Entre os 18 estudantes que responderam ao questionários, apenas 5% destes afirmaram não ter acesso à internet em casa. Só a tecnologia não resolve os problemas com relação a escrita, oralidade e a leitura, mas ela pode ser uma grande aliada do professor, pois o espaço virtual possibilitará um trabalho com diversos gêneros textuais, um deles é o hipertexto, que atua como forma de motivação para o aluno. Rosa (2016) diz que:

O hipertexto favorece ao não-encerramento. Os links, capazes de colocá-lo num constante estado de metamorfose, abrem infinitas possibilidades de encadeamento. Assim, esses nexos eletrônicos permitem aos usuários recorrer distintos trajetos de leitura em um conjunto dado de lexias (ROSA, 2006, p.122)

Assim, o professor pode provocar uma leitura crítica e plural, desempenhando o seu papel de educador consciente e formador de opinião, instigando em seus alunos a motivação (tão necessária) para a leitura e a escrita realmente eficaz, visto que, 95% dos alunos possuem acesso à internet em casa, isso poderá ser usado para despertar o lado leitor dos alunos e com isso melhorar os seus desempenhos no ambiente escolar e na comunidade.

Observando os resultados do questionário aplicado e relacionando-os à entrevista realizada com a docente, é possível destacar que pelo fato dos alunos não possuírem interesse em praticar a leitura fora da sala de aula, seu rendimento quanto a compreensão daquilo que se lê dentro dela é afetada, como destacou a docente durante a entrevista, a leitura realizada em voz alta pela professora é compreendida, mas aquela em que o estudante realiza individualmente, torna o texto de difícil compreensão, sendo que o alunado deve ser capaz de interroga-se e buscar uma compreensão própria de acordo com a sua leitura de mundo, como afirma Solé (1998).

As práticas realizadas para trabalhar a leitura na sala de aula devem ser diversificadas para garantir uma maior troca de aprendizagens entre os estudantes Martin e Silva (2010), o trabalho com competências e habilidades voltadas para a área da leitura, deve sempre ser uma das prioridades a serem trabalhadas nesta escola, tendo em vista os resultados observados durante a pesquisa que mostra um desânimo de grande parte dos estudantes. Da mesma forma a direção escolar deixa a desejar no empenho de desenvolver práticas e ambientes que tragam ânimos a esses alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou um estudo sobre a leitura, suas práticas e ensino no anos finais do ensino fundamental, bem como a realização de uma pesquisa

qualitativa para observar os conteúdos propostos dentro da BNCC e sua prática na sala de aula em uma escola do município da cidade de Flores- PE.

A partir da explanação feita, conclui-se que a leitura é fundamental na vida das pessoas, pois através dela, obtém-se informações em relação a qualquer contexto e área de conhecimento, bem como, podemos ler por prazer, fruição. Todavia, mesmo diante dos benefícios da leitura, ainda nos deparamos com pessoas que, aparentemente, ainda não adquiriram o gosto pela leitura, mesmo reconhecendo a importância da mesma.

Talvez isso venha acontecendo porque a leitura não lhes é incentivada desde cedo, seja no ambiente familiar, na escola ou nos diferentes espaços sociais que frequenta. Inferimos que, especificamente na escola, a falta de incentivo pode ocorrer por falta de estrutura ou espaços adequados à leitura ou atividades que estimulem os alunos a ler, pegar livros emprestados, dentre outras, como é o caso da escola pesquisada.

Pudemos observar que a maioria dos estudantes da desta escola disseram gostar de ler e que sentem prazer ao ler, entretanto não possuem o hábito da leitura frequente ou procuram ter. Os mesmos afirmam que, o seu tempo dedicado a leitura é pouco, todavia a ida a biblioteca em buscas de livros é rara. Talvez por que o ambiente não esteja adequado e porque não existam atividades que estimulem o empréstimo de livros ou de leituras nesse espaço ou a partir dele, como foi relatado pela docente durante a entrevista.

As práticas propostas pela BNCC para os anos finais do ensino fundamental, em específico os 9º anos, podem até estar sendo trabalhadas pela professora dentro da sala de aula, contudo observa-se que, o aproveitamento dos alunos em relação ao eixo da leitura e conseqüentemente para as outras não está satisfatório, posto o resultado da pesquisa, onde foi visto que a compreensão enquanto leitor dos estudantes não está de acordo com as competências e habilidades postas para a sua série. Dessa forma ressalta-se que, necessita ser revisado as práticas abordadas até então para trabalhar o mundo da leitura com esses alunos, para resgatar aqueles que já iniciaram em algum momento o hábito da leitura e iniciar com aqueles que não conhecem esse prazer.

A leitura acontece a cada instante, nunca é tarde para se formar um leitor. A tomada da consciência permite encarar a realidade e tomar iniciativas para mudar.

Portanto em qualquer fase da vida estamos aptos a ler. Afinal “Os verdadeiros analfabetos são os que aprendem a ler e não leem” (QUINTANA, 1973, p.5)

REFERÊNCIAS

BAGNO, M; S, M; GAGNÉ, G. **Língua materna letramento variação e ensino**. São Paulo. Contexto, 2002.

BALÇA, Â.; P, M. da N. **O ensino da leitura literária na escola, em Portugal: do discurso oficial às práticas**. *Nuances: estudos sobre Educação*. Ano XVIII, v. 21, n. 22, p. 93- 105, jan./abr. 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 2017.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN/Língua Portuguesa – 3º e 4º ciclos**. Brasília, MEC/sef. 1998

CARLETI, R C. **A leitura: um desafio atual na busca de uma educação globalizada**. ES, 2007; Disponível em <http://www.univen.edu.br/revista>. Acesso em 19 mar. 2022.

COLL, C; MARTÍN, Elena e colaboradores. **Aprender conteúdos & desenvolver capacidades**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FREIRE, Paulo. **A alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica**. In: *Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____ **A importância do ato de ler**. 47. Ed. São Paulo (SP): Cortes, 2006 P 1-6.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais**. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, SP, v.26, n.2, 1995.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. **Effective evaluation**. San Francisco: Jossey-Bass, 1981.

MAIA, J. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARTINS, L. G. **“Bibliotecário como mediador de aprendizagem: uma proposta a partir do uso das TICS”**. Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, vol. 31, no. 2, jun./dez 2017, pp. Disponível em:< <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/5602>>. Acesso em 22 abr. 2022, 20:45:10.

MARTINS, M. R; SILVA, Marcia Cabral da. **Experiências de leitura no contexto escolar**. In: Literatura: Ensino Fundamental. Ministério da Educação: Secretária da Educação Básica. Brasília: MEC, 2010.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

NEVES, I.C. B; SOUZA, J. V.; SCHÄFFER, Neiva Otero et al. (orgs.). **Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas**. 8. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

NUNES, M. S. C, and SANTOS, F. de O. **“Mediação da leitura na biblioteca escolar: práticas e fazeres na formação de leitores.”** Perspectivas em Ciência da Informação, vol. 25, no. 2, jun. 2020. Disponível em: < <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/24116>>. Acesso em 23 abr. 2022, 12:24:05

QUINTANA, M. **Caderno H**. Porto Alegre: Globo, 1973.

ROSA, T. J. F. da. **A Produção de Sentidos em Hipertextos: Os hiperlinks como Anáforas**, 2006. Disponível em: <<http://donimiopublico.mec.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do>> Acesso em: 24 de abr 2022, 15:04:30

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Jul., 2009.

SILVA, E. T. da. **Conhecimento e cidadania: quando a leitura se impõe como mais necessária ainda? Conferência sobre leitura: trilogia pedagógica**. Campinas: Autores Associados, 2003.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Autêntica, 2010.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2002.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura e de escrita**. Porto Alegre: Artmed,1998.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez,1998

TUZZO, S. A.; BRAGA C. F. **O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese.** Revista Pesquisa Qualitativa, São Paulo, SP, v.4, n.5, p. 140-158, ago., 2016.

VIEIRA, L.A. **Formação de leitor: a família em questão,** In. SEMINARIO BIBLIOTECA ESCOLAR, III,2004, Belo Horizonte: Escola de Ciência da informação da UFMG,2004. Disponível em: <<http://gebe.ice.ufmg.br/downloads/308.pdf>.>acesso em:10 abr.2022, 15:30:10

ZIRALDO. **A escola não está preparada para a mágica da leitura.** Nova Escola, São Paulo: Abril. n. 25. p.26-29. Out.1988

APÊNDICES

Apêndice A- ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA

- Tempo de formação e trabalho no ensino fundamental
- Tempo de trabalho na instituição e forma de Ingresso (Contrato ou Concurso)
- Formação Superior (curso). Possui especialização ou pós graduação?
- Participa de formação de professores. Qual a frequência?
- Quais disciplinas trabalha nas turmas do 9º ano
- Você usa o livro didático em suas aulas? (Quando usa, faz alguma alteração?)
- A cada quantas aulas é trabalhado a leitura com os alunos

- Quais as práticas utiliza para trabalhar a leitura com eles
- Como é feito o planejamento para essas aulas
- Questionar se os alunos demostram interesse para ler além do que é posto para eles

- A escola disponibiliza um acervo diversificado de livros para os alunos
- Os alunos tem acesso a biblioteca
- A escola realiza projetos de leitura
- O ensino remoto intensificou ou diminuiu as dificuldades de aprendizagem dos alunos no quesito leitura.

Apêndice B- QUESTIONÁRIOS PARA OS ESTUDANTES DO 9º ANO



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE SERRA TALHADA- UFRPE/UAST
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS/ INGLÊS

Pesquisa Para Trabalho de Conclusão de Curso

Ano ____ Turma: _____ Sexo: F M

Questionário 9º Ano

1. Você gosta de ler? () Sim () Não
2. Você ler com frequência? () Sim () Não
3. Você tem facilidade de entender o que lê? () Sim () Não () depende do texto
4. Você sente prazer ao ler um livro? () Sim () Não
5. Normalmente, qual é a razão pela qual você ler?
() para se distrair () para se informar () porque a professora pede
() outra. Qual? _____
6. Ao ler um livro, uma revista ou um texto, você costuma:
() ficar no início () parar na metade () ir até o final
7. O que você acha do seu tempo dedicado à leitura?
() É muito () É pouco () É suficiente
8. Tem algo que dificulta seu hábito de ler? Se sim, o que?
9. Você pega livros emprestados da biblioteca da sua escola? Com que frequência?
10. Você tem Internet em casa? () Sim () Não
11. Você ler muita coisa na internet? Com que frequência?
12. O que você mais gosta de ler na internet?

Apêndice C- RESULTADO DOS QUESTIONÁRIOS APLICADO COM OS ALUNOS DO 9º ANO A

7 alunos participaram da pesquisa

Questionário	F	M	Sim	Não	Outras Respostas			
Gênero	3	4						
Você gosta de ler?			5 72%	2 28%				
Você ler com frequência?			3 43%	4 57%				
Você sente prazer ao ler um livro?			5 71%	2 29%				
Você tem facilidade de entender o que lê?			0 0%	2 28%	Depende do texto			
Normalmente, qual é a razão pela qual você ler?					5 72%			
					Pra se distrair	Pra se informar	Por que a professor a pede	Outra.
					5 72%	0 0%	1 14%	1 14%
Ao ler um livro, uma revista ou um texto, você costuma:					Ficar no meio	Parar na metade	Ir até o final	
					0 0%	0 0%	7 100%	
O que você acha do seu tempo dedicado à leitura?					É pouco	É suficiente	É muito	
					5 72%	2 28%	0 0%	
Tem algo que dificulta seu hábito de ler? Se sim, o que?			1 14%	6 86%	RESPOSTA: Não tenho livros			
Você pega livros emprestados da biblioteca da sua escola? Com que frequência?			1 14%	6 86%	RESPOSTA: Quase sempre			
Você tem internet em casa?			7 100%	0 0%				
Você ler muita coisa na internet? Com que frequência			6 86%	1 14%	Resposta: Diariamente, toda hora.			
O que você mais gosta de ler na internet?					Respostas: Redes sociais, mensagens, vídeos e notícias, frases, textos			

Fonte: Elaboração pessoal

Apêndice C- RESULTADO DOS QUESTIONÁRIOS APLICADO COM OS ALUNOS DO 9º ANO B

11 alunos participaram da pesquisa

Questionário	F	M	Sim	Não	Outras Respostas			
Gênero	2	9						
Você gosta de ler?			8 73%	3 28%				
Você ler com frequência?			4 36%	7 64%				
Você sente prazer ao ler um livro?			6 54%	5 46%				
Você tem facilidade de entender o que lê?			3 27%	0 0%	Depende do texto			
					8 73%			
Normalmente, qual é a razão pela qual você ler?					Pra se distrair	Pra se informar	Por que a professor a pede	Outra
					4 36%	2 18%	5 45%	0
Ao ler um livro, uma revista ou um texto, você costuma:					Ficar no meio	Parar na metade	Ir até o final	
					1 9%	1 9%	9 82%	
O que você acha do seu tempo dedicado à leitura?					É pouco	É suficiente	É muito	
					4 36%	6 54%	1 9%	
Tem algo que dificulta seu hábito de ler? Se sim, o que?			5 46%	6 54%	RESPOSTAS: Não tenho tempo, preguiça, problemas na visão			
Você pega livros emprestados da biblioteca da sua escola? Com que frequência?			7 64%	4 36%	RESPOSTA: De vez em quando, às vezes, quando tenho tempo.			
Você tem internet em casa?			10 91%	1 9%				
Você ler muita coisa na internet? Com que frequência			4 36%	7 64%	Com que frequência? Pouco; mais ou menos; quando tenho tempo;			
O que você mais gosta de ler na internet?					Respostas: notícias; mensagens nas redes sociais,			

Fonte: Elaboração pessoal